

Corrupção: realidade e ficção

Raymundo Pinto

As crises política e econômica são motivo de enorme preocupação do povo brasileiro, mas, sem dúvida, ambas se alimentam de outra que, como erva daninha, se estende, em proporção alarmante, por todo o território nacional: a crise ética. Concorreram para as duas primeiras variados fatores, não se podendo, contudo, afastar o fato de que a corrupção – que se tornou sistêmica no país – teve um papel de destaque para conturbar a economia e elevar ao máximo o descrédito atual da classe política. Os escândalos que envolvem agentes ocupantes de cargos federais ou até no âmbito estadual naturalmente ganham maior repercussão, gerando manchetes e notícias sensacionalistas na mídia em geral. Vale lembrar que, de vez em quando, fica-se sabendo que uma autoridade de um dos nossos mais de 5.500 municípios cometeu falcaturas, estando o caso submetido a inquérito policial. Em face disso, urge insistir em que muitos dos que hoje respondem por atos ilícitos de grande magnitude fizeram “treinamento” ao exercer cargos mais modestos na área municipal. Por outro lado, tem-se de admitir que a impunidade dos poderosos também incentivou o procedimento dessas pessoas.

Fiz questão de assinalar a dimensão que assumiu a corrupção no Brasil e o fato de que ela, com frequência, começa desde os governantes nos limites do município para registrar o surgimento de uma obra ficcional que procura retratar como prefeitos e vereadores aderem, com indisfarçável cinismo, ao cometimento de práticas desonestas. Refiro-me ao romance “Bravo, Excelência” do escritor Osvaldo Ventura, lançado dia 5 p.p., em Feira de Santana, terra natal dele. Redigido sem obedecer uma ordem cronológica dos fatos, a narrativa apresenta nas primeiras páginas o protagonista Agnaldo Aroeira já como deputado federal. Logo ele tem de afastar-se de Brasília, porque recebe a notícia de grave doença que acomete seu filho Breno e volta de imediato para a pequena cidade de “Melindrosa”, onde reside.

O cenário da história é o município fictício no qual o deputado possui sua base política. O autor se alonga em mostrar o drama familiar de um pai que sofre as angústias de ver um filho, numa UTI de um hospital, debater-se entre a vida e a morte. De modo inteligente e utilizando o conhecido expediente do “flash back”, o romancista intercala numerosas informações sobre os antecedentes negativos da figura central, entre outros fatos interessantes envolvendo diversos personagens. Fica claro para o leitor que o parlamentar chegou ao ponto máximo de sua carreira cometendo uma série de atos

corruptos. Confesso que não tenho nenhuma vocação para crítico literário, porém, na condição de um apreciador dos livros de ficção, ousou opinar que a obra atingiu, plenamente, o seu objetivo. Em conversa pessoal com Osvaldo, pude ouvir que ele não quis retratar, em romance, o que vem acontecendo nos desdobramentos da Operação Lava-Jato. Segundo esclareceu, limitou-se a demonstrar, numa obra ficcional, de que modo a corrupção ocorre no âmbito municipal e o fez, a meu ver, de forma exitosa. Recuso-me a entrar em outros detalhes, mas adianto ao futuro leitor que o romance vai além do propósito básico e faz emergir outras circunstâncias políticas e sociais bem típicas de cidades do interior.

O autor do livro, que revela ter a redação de um escritor tarimbado, publicou anteriormente nada menos de três outros romances, que obtiveram elogios de pessoas com grau considerável de conhecimento literário. Nesse último trabalho, valeu-se, com certeza, de uma valiosa experiência política, uma vez que, além de líder sindical por um tempo, foi vereador em Feira de Santana e candidato a vice-prefeito, na eleição de 2016, chapa encabeçada por Zé Neto.

Ao encerrar estas breves considerações, gostaria de salientar dois aspectos sobre o escritor em foco que o engrandecem. Ele não nega ser militante do PCdoB, uma legenda de nítida posição esquerdista, que o indicou para compor a chapa já referida. Seus companheiros de ideologia se lançam em defender Lula (muitas vezes fazendo badernas nas ruas) e correm das discussões que envolvem corrupção. Ele, no entanto, teve a coragem e a independência de tocar no delicado assunto, mesmo sob a forma ficcional. Louve-se que ainda há gente de esquerda que, de modo equilibrado e consciente, não foge do tema. Outro aspecto a destacar é que somos amigos há mais de 60 anos, desde que fomos colegas de ginásio. Por eu ter assumido uma posição centro-democrata e contra extremismos (revelada, de público, em artigo aqui na Tribuna), temos ideias políticas conflitantes. Entretanto, mantemos, sempre, um convívio de respeito mútuo e de tolerância com nossas divergências, o que significa que o diálogo entre os que pensam diferente é possível e recomendável na conjuntura atual de tanto ódio e intolerância.

Raymundo Pinto, desembargador aposentado do TRT, é escritor, membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia e da Academia Feirense de Letras. racpinto@uol.com.br